



Luís Filipe Pires da Conceição¹

Director do Departamento de Arquitectura,
Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas da ULHT
luis.conceicao@ulusofona.pt

Reflexões hodiernas sobre o ensino da Arquitectura...

Resumo

A Arquitectura não se ensina: aprende-se. Não há método ou métodos seguros para o ensino do projecto. A Arquitectura não se explica, exprime-se. Tudo isto é verdade e tudo isto não passa de um conjunto de redundantes lugares comuns.

Sejamos práticos: há questões básicas que se podem ensinar em Arquitectura: a sua história, os processos construtivos (tectónica, equilíbrio, estrutura), os processos gráficos de representação: o desenho técnico e o dese-

nho de expressão; meios e métodos de composição, etc., etc. Não há métodos seguros, não há valores definitivos, mas há métodos e há meios irrecusáveis.

Abstract

You cannot teach Architecture, but you can teach the way to learn it. There are no secure methods of design teaching. You cannot explain Architecture, but you can express it. Let's say that, apart from being a set of redundant common places, all this is true.

In a more practical sense, there are basic questions you can teach in what's related to Architecture: History and building processes (tectonics, equilibrium, structure), graphical systems of representation, drafting and expressive drawing, means and methods of composition, and so on. Although there are no secure methods and no definitive values, we must agree that there are irrefutable means and ways for architectural education.

É sempre muito difícil falar da pedagogia – do ensino – do projecto em Arquitectura. Todos nós sabemos fazê-lo, melhor ou pior, mas quando tratamos de descrevê-lo ou sistematizá-lo, caímos num imenso acervo de lugares comuns ou de frases feitas, porventura sem nexos.

A Arquitectura não se ensina: aprende-se. Não há método ou métodos seguros para o ensino do projecto. A Arquitectura não se explica, exprime-se. Tudo isto é verdade e tudo isto não passa de um conjunto de redundantes lugares comuns.

Sejamos práticos: há questões básicas que se podem ensinar em Arquitectura: a sua história, os processos construtivos (tectónica, equilí-

¹ Licenciado em Arquitectura pela ESBAL; Doutoramento pela Faculdade de Arquitectura da UTL.

brio, estrutura), os processos gráficos de representação: o desenho técnico e o desenho de expressão; meios e métodos de composição, etc., etc. Não há métodos seguros, não há valores definitivos, mas há métodos e há meios irrecusáveis.

Atendendo a que a formação do Arquitecto é hoje, mais do que nunca, de nível universitário, a pluridisciplinaridade e a erudição constituem ferramentas básicas de operatividade académica e profissional. O Arquitecto deixou há muito de ser apenas o artesão que também é e deve continuar a ser, o operário do desenho e da construção que nunca deixará de ser. O catálogo é cada vez mais extenso e contraditório e a complexidade dos valores, dos meios e dos programas reclama cada vez maior erudição como suporte dos meios operativos de projecto.

Falo-vos do Arquitecto da *ars muratoria*, do cidadão, e do artista. O armazém de memórias, a mala de truques do arquitecto demiurgo é cada vez mais extenso, complexo e insuficiente. A quantidade de informação disponível é tão grande e inabrangível que implicam, como emergência, um sentido extremo de humildade e de constante aprendizagem. De antigos mestres passámos a eternos aprendizes.

Projectar, hoje, deixou de ser um acto de arrogância, para constituir um pedido de desculpas. Já nada é eterno. Quanto mais recente, mais efémero. Não é possível comparar a durabilidade, física e cultural, do Guggenheim de Bilbao com a da Catedral de Estrasburgo. As ideias seguras foram substituídas pelos gestos afirmativos e... etéreos.

A procriação não se ensina: estimula-se ou reprime-se. O acto de que resulta a procriação – a parada nupcial entre os biólogos – não se

ensina nem se aprende: repete-se. Excepto se a quisermos dotar de um sentido estético, lúdico ou cultural. Isto é, a procriação não depende de um qualquer Kama Sutra, viagra ou coisa quejanda. Estes não determinam a qualidade da obra mas apenas a da possibilidade do acto criativo que a gera.

Também não são as alquimias biológicas da engenharia genética que a engendram, em si mesmas. A criatividade não se ensina: estimula-se. A qualidade não se exprime, interpreta-se e avalia-se. Quanto aos processos de interpretação, reportemo-nos a Emanuel Kant, reportemo-nos aos estudiosos interpretes do quotidiano e das realidades especulativas.

Não se ensina uma criança a falar: fala-se com ela, de modo mais ou menos estimulante, até que, gradualmente, ela se exprima naturalmente. Depois, corrige-se, enriquece-se o vocabulário e o imaginário subjacente. Posto isto, deixa-se a criança crescer sobre si própria, e partilhar, de modo crítico e progressivamente actuante, os sistemas culturais e éticos que a enquadram e contextualizam.

Ensinar é isto, é ajudar a crescer, com equilíbrio, no verdadeiro sentido tectónico do termo, e deixar expandir a vontade de descobrir, desvelar, desmontar, agir e construir.

A um aluno, como a um filho, transmitimos os nossos valores, guiamos os seus passos, o melhor que pudermos e conseguirmos, mostramos-lhe o nosso imaginário, necessariamente pequeno e incompleto e, com toda a força, sabedoria e beleza que nos pertença e assista, agimos no desbravar dos seus caminhos, para que eles nos excedam. Quanto mais longe chegarem para mais longe nos transportam. Do estado letárgico da

semente surgirá, viçosa, a planta que produzirá novos frutos. O ADN actua sem se tornar explícito....

Da Capo... Está na moda falar-se de “paradigmas”...Foi prática do ensino da Arquitectura, ao longo da História, a relação tutorial, a relação Mestre-Aprendiz. A integração do ensino da Arquitectura no espaço Universitário, vem induzir alterações pedagógicas, uma nova visão sobre o perfil do Arquitecto. De pedreiro livre conceptual educado ele ascende à classe dos eruditos, dos filósofos. De obreiro operativo, ascende a intelectual especulativo!

O Arquitecto contemporâneo convive ainda com o Arquitecto extemporâneo: nesta transculturação em mutação, convivem ainda o que faz, o que determina e o que filosoficamente especula sobre o devir do processo, independentemente da concepção, da idealização ou mesmo da concretização da obra. A Obra de Arquitectura hoje é, também, o debate sobre a sua possibilidade de existência, o hipotético debate sobre a sua inexistência, sobre a própria ausência enquanto substância – a dicotomia Zen entre a forma como vazio e o vazio como forma....

O processo académico de investigação que se abre hoje ao Arquitecto, àquele que quer exceder o campo matricial do exercício tradicional da sua profissão, é o mesmo que se exige ao velho sapateiro ou ao velho alfaiate que, através da prática do “design”, ou seja, do processo criativo e conceptual (o *desígnio*), excedem o seu pequeno território de actuação no sistema produtivo.

Digamos que, por detrás do desenho de um par de sapatos, de uma camisa ou de um edifício, deverá estar, hoje, um processo de investigação e de reflexão académica seme-

lhantes ao da análise de um sistema nanobiológico... Não se trata de complicar a simplicidade das coisas simples mas, a montante, de situar o entendimento das coisas em grau/estatuto superior... Trata-se de estender a todos os campos da acção criativa e do fazer (e não só) uma visão superior, humana e humanista, erudita e, *quiçá*, sábia, que tendencialmente responda à crescente complexidade do “estar” e do “ser” contemporâneo: a da dislexia entre o utilizador e o genitor...

Cada vez mais será improvável a convivibilidade entre a concepção de sistemas complexos da vida quotidiana – v.g. o computador, o telemóvel, o automóvel – e a iliteracia ou as diversas formas de analfabetismo social e cultural.

Obedecerá isto tudo a um novo paradigma? Será este o termo mais adequado para a questão em apreço? Quem sabe? A verdade é que já Vitruvius, *in illo tempore*, chamava a atenção para um bom equilíbrio entre a prática e a teoria da Arquitectura. Nada disto é novo. Tudo isto se vai repondo e reproduzindo...

Não terá o desenvolvimento da obstetrícia, contribuído para uma requalificação da reprodução da espécie?

Fomos “mestres”, na velha tradição dos *mesteres*; tempos mais tarde, tornámo-nos *diplomados*; quando a Universidade nos franqueou as portas, tornaram-nos *licenciados*, ou seja, obtivemos a licença para fazer o que sempre fizemos, ao longo dos tempos: projectos de Arquitectura... Hoje, à luz de Bolonha, pelas enviesadas rotas do destino, voltamos a ser *mestres*, na aptidão para o exercício da nossa Arte.

A diferença essencial repousa na necessidade de criar hábitos expressos de reflexão e de

inovação (teses, dissertações) sobre a prática do projecto, para que a comunidade possa contar com a mais-valia do nosso trabalho.

Dizem que já somos demais... Seremos? As nossas cidades devolvem-nos a resposta... Poderá alguém algum dia dizer que há médicos demais?